

EM UM CERTO DIA DE FINADOS



Na véspera de um dia de Finados, a comunidade masculina de Siderópolis, após um dia exaustivo de trabalho, reunia-se no Sider Bar, o “point” da cidade, para beber, jogar e se divertir. Estavam tranquilos, afinal, seria feriado no dia seguinte, em respeito às almas daqueles que já haviam partido.

Em um ambiente de muitas conversas altas, carregado de fumaça de cigarros, o bar estava lotado de homens que jogavam conversa fora. Lá pelas tantas, o clima esquentou, e a bebida fez com que alguns “valentões” quebrassem o portal da tranquilidade, exaltando-se numa disputa verbal que poderia terminar em tragédia.

Para amenizar os ânimos, um dos presentes, mais sóbrio, levantou-se e, em voz alta, propôs um desafio, para aliviar a tensão e acalmar os machões:

— Quem, dentre os presentes, que se diz machão e corajoso, seria capaz de ir até o cemitério e trazer de lá uma cruz como prova de sua coragem?

O silêncio se instalou até que uma voz empastada, com a língua travada, respondeu lá do fundo do bar:

— Eeeeu... eeeu vou! Disse um senhor, conhecido por Seu Bepe

Seu Bepe, saiu porta afora naquela noite escura e sombria de véspera do dia de Finados, em direção ao cemitério, determinado a cumprir o desafio. O cemitério, na época, era um pouco afastado do centro da cidade e não havia moradores por perto.

Sabendo do que foi proposto, um dos presentes, com espírito sacana e brincalhão, saiu por outra porta do bar, sem dizer nada a ninguém, cortando caminho para chegar antes do “corajoso” ao local. Seu Bepe demorou um pouco a chegar, pois o efeito da bebida descontrolava seus passos.

O brincalhão, chegando lá, pulou o muro do cemitério e entrou. Procurou um lugar para surpreender o valentão e pregar-lhe um susto. Escondeu-se entre os túmulos próximos à entrada, que talvez fosse o local mais fácil para assustar o “valentão”, quando ele já estivesse saindo.

Assim que Bepe chegou, foi logo escolher uma cruz que serviria de prova da sua coragem. O local estava muito escuro e já passava da meia-noite, que segundo o folclore popular, era a hora em que as almas saíam dos seus túmulos para se juntarem em uma procissão e “caminhar” ao redor da cidade.

Nessas alturas, o mais sóbrio entre as duas figuras que se encontravam no interior do cemitério, começou a pensar no pior, tremendo de medo, mas se segurou e aguardou o valentão sair.

Quando Bepe escolhia um túmulo, pegava uma cruz e, ao dar as costas, o brincalhão disfarçava sua voz sussurrando:

— Essa, não! Essa é a minha!

Amedrontado, Bepe insistia, indo para outro túmulo, pegava outra cruz e dava meia-volta para correr, quando ouvia outro sussurro:

— Essa, não! Essa é minha, não se atreva a retirar!

Nesse momento, tanto o valentão como o brincalhão já estavam apavorados. Quando Bepe chegou ao terceiro túmulo, encontrou uma cruz fácil de retirar, e assim o fez. Apavorado, pegou a cruz já pensando em sair correndo, mas ao dar meia volta, titubeou e foi ao chão, pois seus pés se entrelaçaram em um vaso de folhagem que estava ao lado do túmulo escolhido. Solto um grito estridente de dor e, já sentindo muito medo, exclamou:

— Me largaaa!

Com a cruz nas mãos, saiu correndo em direção à porta do cemitério, passando como um raio pelo sacana, que também saiu em disparada, pois acreditava que Bepe estava sendo seguido por um espírito.

A medida que o Bepe corria, olhava para trás e via o vulto do brincalhão vindo em sua direção. Acelerou os passos para se afastar daquela “assombração” que vinha atrás dele. O sacana, também em desespero, corria sem olhar para trás com medo do fantasma que queria recuperar sua cruz.

Assim que o “valentão” chegou, largou a cruz em cima de uma mesa do bar, e aos gritos disse:

— A cruz está aí, conforme prometi. O problema é que o dono está vindo atrás de mim para recuperá-la!

Dos machões ali presentes, só ficou o dono do bar, que se escondeu debaixo do balcão. No dia seguinte, esse episódio viralizou na comunidade, na época, de boca em boca, pois não havia redes sociais. As pessoas perguntavam e comentavam entre si: “Será que foi daqui que roubaram uma cruz e o defunto correu atrás do ladrão? ”

Até tempos atrás, durante as visitas ao cemitério nos dias de Finados, ouvia-se questionamentos entre os presentes sobre o fato ocorrido. Esse folclore ficou na memória de poucos, que ainda vão lembrar.

Foi assim que eu ouvi da minha amiga Sidnéia Monteiro, que ouviu de seu pai. Por isso, eu conto.

Narrador: Juarez César Frassetto.